

## **AINDA INSURGÊNCIAS E RESSURGÊNCIAS EM GILBERTO FREYRE<sup>1</sup>**

Vamireh Chacon

Humanismo pode significar desde os iniciais estudos clássicos literários, à metodologia filosófica nas Ciências Sociais e à culminação da mundividência, a cosmovisão.

Há humanismo nestes sentidos em Gilberto Freyre, bem como o que o termo contiver de sensibilidade e profundidade humanas. Vamos nos concentrar aqui agora no que há de humanismo em *Insurgências e Ressurgências* e *Além do Apenas Moderno*, textos nos quais mais se concentra e projeta-se explicitamente sua prospectiva, além das suas perspectivas.

O humanismo gilbertiano vai do *Além do Apenas Moderno* desde as raízes ecológicas. *Casa-Grande & Senzala* chegou a ser acusada de obra naturalista. Já em 1937, noutra dos seus pioneirismos, Gilberto Freyre trata da Ecologia com ênfase desde as primeiras páginas de *Nordeste*.

Vida gilbertiana quer dizer vida vivida e convivida, não só racionalizada, Gilberto Freyre considerava Ortega y Gasset em seu racionalismo muito *ratio* e pouco vitalista. Observe-se quando Gilberto Freyre trata de unidade de passado, presente e futuro, ele os sintetiza dialeticamente em tempo tríplice, isto é, com três vidas básicas em desdobramentos unitários articulados. Vida cultural gilbertiana tem

<sup>1</sup> A primeira versão deste ensaio foi apresentada no congresso internacional *As Novas Religiões. A Expansão Internacional dos Movimentos Religiosos e Mágicos*, realizado de 14 a 18 de maio de 1994, na UFPE.

assim raízes profundas e amplas na natureza, daí seu empenho até pioneiro na defesa ecológica. O vitalismo psicológico gilbertiano apresenta-se radicalmente existencial, ele sempre insistiu também nisto.

A dialética das antíteses do presente confrontando-se, não só se defrontando com o passado, não leva o presente a excluir no todo ou em parte o passado e sim a supra-assumi-lo. A dialética em expressão vulgar ideológica é que se pretende excludente, sobretudo em termos marxistas partidários de querer a burguesia eliminada pelo proletariado, como a aristocracia teria sido pela burguesia. O que Marx nunca afirmou e sim que a aristocracia tinha tido suas contribuições materiais e culturais supra-assumidas pela burguesia ao substituí-la mesmo pela força, bem como os valores (não os anti-valores, pois anti-humanistas) da burguesia receberiam idêntica supra-assunção pelo proletariado.

O que se apresenta lógico desde seu ponto de partida hegeliano. Sendo o espírito eterno, a antítese ideal nunca poderia destruir a tese ideal, porém com ela se fundir mesmo sob um novo impulso interno. O mesmo se diga da perspectiva mais marxiana, de Marx, que marxista de seus adeptos infieis: a antítese é tão material quanto a tese, aquela também não pode destruir esta e sim com ela entrar em fusão, mesmo sob respectivo impulso interno mais forte no segundo momento. Esta é a supra-assunção hegeliano-marxiana em diversos planos e níveis, a *Aufhebung* do originário equivalente sentido em alemão da eternidade do espírito ou matéria.

A explicação exegética de Hegel nisto foi iniciada por Jean Hyppolite e Alexandre Kojève, ainda de Marx por Rodolfo Mondolfo ao traduzir *Aufhebung* ao italiano por *rovesciamento*.

O passado, no caso da interpretação gilbertiana do brasileiro, é supra-assumido, não negado pelo presente e projeta-se no futuro. Por isso o patrulhamento ideológico até submarxista, além de anti-marxiano, tanto quis e quer eliminar o passado em proveito do presente dos patrulheiros em nome de um futuro que, além de não acontecer, quando acontece é contra os propositores desse tipo de explicação, como se viu no final desmoronamento soviético e transformações da China em rumos imprevisos pelos ortodoxos e até contra eles.

Gilberto Freyre em *Insurgências e Ressurgências e Além do Apenas Moderno* repele, principalmente, os ideologismos e os tecnologismos apenas moderno, gerando ressurgências de supra-

assunções das insurgências superadas quando assim assimiladas em nível mais alto.

Ressurgências desde as ecológicas da natureza agredida pela História; ressurgências ecológicas cada vez mais visíveis e audíveis em movimentos no mundo inteiro; ressurgências também culturais do que parecia arcaico nas afirmações de progressismos ideológicos industriais e partidários em proclamações e ações contra os particularismos e as peculiaridades de culturas e até etnias supostamente superadas, mesmo com violência, redivivas desde a órbita capitalista na África e América Latina, à do outrora marxismo-leninismo na ex-Iugoslávia e ex-União Soviética.

Ressurgências também regionalistas na própria Europa Ocidental, em esforços de coexistência dentro dos seus Estados nacionais mais modernos como Grã-Bretanha, Bélgica, Itália, Espanha e França. Diante da exitosa unificação brasileira pelos portugueses sob a dinastia dos Braganças, Gilberto Freyre advertia desde a Semana Regionalista de 1926 sobre a importância das regiões também no Brasil. A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), de cujo Conselho Diretor Gilberto Freyre durante tanto tempo fez parte, e a da Amazônia (Suframa) são em grande parte produtos daquele processo de conscientização regional.

A Questão Nacional brasileira ainda está longe de ser resolvida no quadro de estadualismos muito distantes do federalismo e também do regionalismo, regiões capazes de congregar estados atuais e futuros. Regionalismos da cultura, da economia, até da ecologia.

*Além do Apenas Moderno em Insurgências e Ressurgências* o Mundo e o Brasil vão superando outros ideologismos e tecnologismos cíclicos, inclusive tecnologismos se pretendendo ideologias tecnocráticas e ideologias proclamando-se tão científicas que científicistas. Nada mais antigilbertiano que tais extrapolações. Gilberto Freyre passou a vida inteira a repeli-las contra os bem pensantes de outrora transmudados nos politicamente corretos de agora, seu equivalente atual, sempre unilaterais, portanto sectários.

Toda época é época de crise, no sentido etimológico grego que uma julga outra. O julgamento por Gilberto Freyre não o pessimismo cultural da Escola de Frankfurt, *Kulturpessimismus*; naquela Escola Gilberto Freyre tem afinidades mais com Max Horkheimer — com quem se encontrou no Conclave dos Oito

promovido em Paris pela Unesco em 1948, conforme me disse pessoalmente —, que com Theodor W. Adorno tão esteticista, diante do mais completo Horkheimer em sua crítica da razão quando unidimensional. A repulsa às tentativas de unidimensionalizar a razão está no centro de toda meditação e ação de Gilberto Freyre.

O unidimensionalismo mutilador sempre teve de ser contra o humanismo, em especial o humanismo vital e existencial, o gilbertiano. Gilberto Freyre sempre assim o entendeu e cada vez mais, à medida que o tempo passava, outra das provas disto está nas obras da sua fase final: *Insurgências e Ressurgências*, *Além do apenas Moderno*, entre os muitos felizes títulos de livros seus que falam por si mesmo e completam-se. Todo conhecimento do Mundo é fundo conhecimento de si mesmo do sujeito pensante, o subjetivo conhece-se ao conhecer a objetividade, esta, a riqueza maior do conhecimento humano e humanista.